



Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual

Leonardo Luis

Falar sobre gênero sem fazer um recorte sobre raça com certeza é um equívoco. Durante minha transição de gênero pude ver quão importante é o marcador de raça; enquanto era lido pela sociedade como mulher, eu era abordado na rua por homens, via os olhares deles para meus membros inferiores, leia-se bumbum, recebia buzinadas, enfim, todo o tipo de cantada idiota que toda mulher infelizmente já recebeu na sua vida.

No início da transição, cortei o cabelo e passei a usar os hormônios e roupas masculinas, nota: eu moro numa periferia do DF, onde a violência é algo marcante. Ainda estou no conflito da minha identidade mesmo após 5 anos de transição, pois me vejo várias vezes como uma pessoa não binária, como um demi boy, mas ainda me identifico socialmente e politicamente como homem trans.

Então comecei a notar que quando voltava à noite da faculdade já não mais recebia os mesmos olhares, muito pelo contrário, passei a ser até mesmo saudado por homens de forma respeitosa. Parece que só por ser lido como homem já fui tratado com respeito, como se mulheres não fossem merecedoras desse respeito; isso revela uma sociedade machista e fálica em que vivemos.

Notei também que o convívio com outras mulheres mudou; lembro que um dia voltando da faculdade à noite tinha uma mulher na minha frente andando, era um local um pouco perigoso ali, tinha muito assalto, eu também tinha medo então aproveitei que ela estava por lá e apressei o passo, para não ficar só e ser presa fácil, mas ela também começou a andar rápido e olhar pra trás desconfiada. Entendi que ela estava com medo de mim, por ter me lido como um homem preto, que de alguma forma representei perigo para ela, mas antigamente eu não seria lido assim por ela.

Ser um homem preto pansexual foi algo difícil para algumas pessoas entenderem, meus parceiros sexuais ficavam fazendo fetiche comigo, me forçaram a ser sempre aquele estereótipo do cara forte e que não podia mostrar meus sentimentos; eu amo dançar funk, gosto de ser versátil passivo, por muitos anos deixei isso de lado. Nos dias atuais, não faço mais isso, se sinto vontade de dançar até o chão, faço, não forço



minha voz ou trejeitos, simplesmente deixou fluir e quase sempre flui para o lado bicha afeminada mesmo, com bastante deboche.

Tenho me relacionado mais com pessoas trans/travesti e caras cis gays. Me sinto livre e bem assim. Creio que o futuro para se relacionar bem pra pessoas trans é entre pessoas trans, hoje tenho uma relação transfroscentrada.